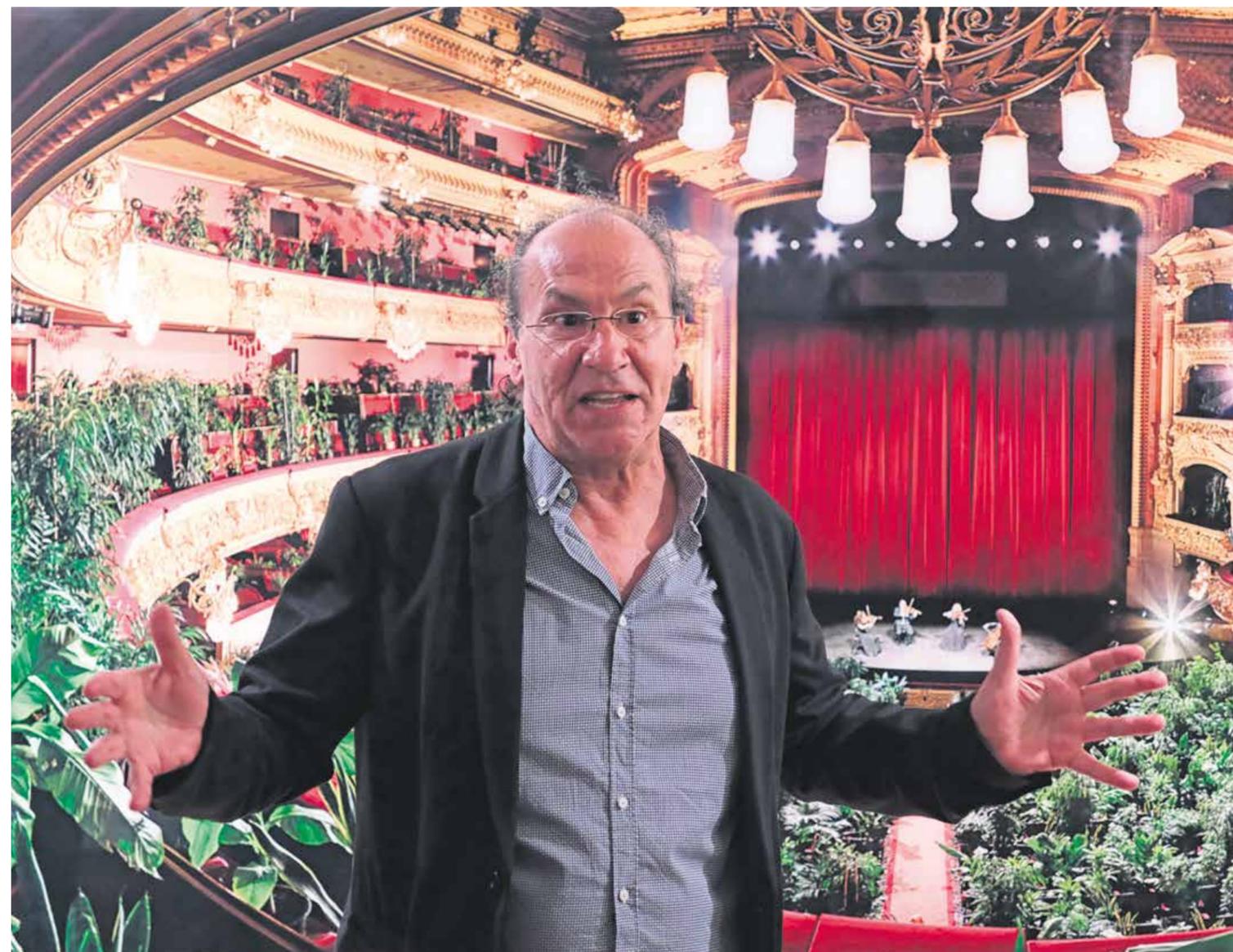


# A desabrigada arte de Eugénio Ampudia

Sob o título “Abrigo de Combatentes”, o Fórum Eugénio de Almeida acolhe uma exposição de Eugénio Ampudia, um dos mais reconhecidos artistas espanhóis, autor de um trabalho multidisciplinar que convoca a arte para a reflexão estética e política.

**Luís Godinho (texto) e Cabrita Nascimento (fotografia)**



Diz-me Eugénio Ampudia que “Abrigo dos Combatentes”, a exposição que agora inaugurou no Fórum Eugénio de Almeida, em Évora, tem para si um “significado especial”. Primeiro por ser comissariada por André de Quiroga, “um documentado, sensível e bom conhecedor de arte contemporânea”, a quem voltaremos neste artigo. Depois, por ser a segunda vez que expõe em Portugal. Mas sobretudo por refletir de um “modo bastante completo” o seu trabalho ao longo dos últimos anos.

“Vivemos tempos turbulentos”, sublinha aquele que é um dos mais reconhecidos artistas espanhóis contemporâneos a nível internacional, tempos em que as desigualdades se agravam e em que os “sistemas políticos que acreditávamos mais avançados e justos estão seriamente ameaçados pelo surgimento de atitudes autoritárias e xenófobas que se dissociam da razão e desprezam a verdade”.

Eugénio Ampudia olha para as novas gerações e regista que convivem com “a ansiedade daqueles que agem como se a humanidade estivesse num tempo estranho e difuso de descontos”. Ora, “num momento difícil, de desafios

exigentes, a razão, a cultura e a arte devem ser também um refúgio para os combatentes. Um refúgio, um espaço para articular e expressar razões, emoções e sentimentos que mantêm alerta a nossa capacidade de rebelião”.

Veja-se, por exemplo, “SOS - Salvai as Nossas Almas” (2022), um dos vídeos que integra esta exposição, produzido no âmbito da Arco Lisboa, no qual o Panteão é convertido “no transmissor do sinal universal de socorro em código morse”, peça de enorme carga simbólica. A partir deste espaço físico e moral onde são recordados muitos do que “ajudaram a formar a alma do país” é emitida “uma aflição chamada de atenção” que, tal como a mensagem SOS, não admite nuances: “O problema é universal, a mensagem convoca-nos a todos”.

Ou veja-se ainda outra peça, “A Verdade é uma Desculpa” (2007), também um vídeo, em que o artista, invertendo o sentido da projeção cinematográfica, “devolve os exilados espanhóis da Guerra Civil” ao seu próprio país, num regresso a casa que “torna evidente, maior e mais sangrenta a crueldade do seu destino histórico e a sua fraternidade paralela com os exilados con-

temporâneos” que todos os dias cruzam o Mediterrâneo, aos milhares, muitos deles perdendo a vida. Aos longo de quase cinco minutos, “os coxos andam para trás, as crianças bebem as lágrimas dos seus olhos, os guardas franceses recuperam um carro caído ou capotado e o desfiladeiro de Le Perthus restitui a Espanha espanhóis que nunca deixaram de o ser”.

Eugénio Ampudia diz-me que “como pessoa, como artista”, observa a realidade e tira conclusões que, de alguma forma, são sempre políticas e que expõe através da gramática e sintaxe da arte e da criação. “É, na sua natureza essencial, a arte, tal como a entendo, um sistema de comunicação que só completa o seu sentido com a participação de quem vem receber a mensagem”, sublinha, classificando por isso a arte com “um poderoso sistema de comunicação”.

A questão, refiro, é que a arte não chega, propriamente, ao que se define como “grande público”, muito menos aos mais desfavorecidos,

## A ARTE DE TRANSFORMAR

**Quem o diz é Eugénio Ampudia: “Sem abrir mão dela, a arte deve sempre ir além da pura experiência estética. Deve provocar emoções e reflexões que ajudem a compreender melhor o mundo, que encorajem a rebelião civilizada e culta”. Entendida desta forma, será tarefa dos artistas e das instituições “facilitar a aproximação da arte a territórios despovoados e envelhecidos”. Por isso, defende que a arte “pode revitalizar o património cultural, neste caso do Alentejo, pode ajudar a manter viva a identidade local, transformar o espaço público, tornar-se numa ferramenta de ligação num local distante do centro do debate público”.**

aos mais pobres, perdendo por isso parte do seu poder. É uma ideia que o artista não subscreve integralmente: “Não creio que a arte chegue a pouca pessoas”. E explica o seu ponto de vista: “Como sistema de comunicação, abre-se, amplia-se e multiplica-se rapidamente. A entrada em museus tem até que ser restrita para evitar superlotação que piora a experiência de aproximação com a arte”. Questão diferente, assinala, é “possuir” arte: “Numa sociedade comercializada, a arte como produto parece reservada às elites com dinheiro e poder, muitas vezes possuir arte é outro sinal do que as elites têm para realçar a sua situação privilegiada”.

Segundo o curador, André de Quiroga, “entende-se, cada vez mais, a pertinência da reflexão, pesquisa e produção artística, nunca desligada do ativismo de Eugénio Ampudia, que não pode deixar de tocar quem se interroga sobre o destino de uma sociedade acossada, por dentro e por fora”. Revelando que o nome da exposição

“remete para memórias pré-covid”, quando numa das visitas regulares do casal Ampudia a Lisboa foram delineados ali vários dos projetos que hoje integram esta mostra, incluindo a videoinstalação que lhe dá o nome, embora não conste do núcleo de obras selecionadas”.

A sua “conexão lusa” até bem comprovada em vídeos e fotografias das séries “Onde Dormir”, mas também dos “Concertos”, que criou em Barcelona e em Lisboa, ou da já referida peça “SOS - Salvai as Nossas Almas”. Todas elas, acrescenta André de Quiroga, “promovem a reflexão sobre lugares, públicos e privados e institucionais e a forma como nos relacionamos com eles, e acima de tudo a necessidade de novos modelos para o desenvolvimento de uma sociedade pós-humanista”.

Não é de hoje a relação entre curador e artista. Cruzaram-se aquando da Trienal do Alentejo, organizada por André de Quiroga, que trouxe à região alguns dos mais significativos nomes da cena artística contemporânea e cuja última edição ocorreu em 2014. “Foi precisamente na Trienal que tomei contacto com o mundo da arte portuguesa”, lembra Eugénio Ampudia, referindo que a presença do seu trabalho em Portugal não se limitou a exposições, também à criação artística.

Além da peça no Panteão, a exposição agora patente em Évora é marcada pela apresentação de dois novos trabalhos feitos em Portugal. Um deles chama-se “Concerto para Plantas”, surge na sequência do “Concerto para o Bioceno”, gravado em Barcelona, e levou um trio de cordas para a Estufa Fria, “residência permanente dos seres vegetais”. Aí foi gravado o tema “Festival”, de Pedro de Castro, compositor e acompanhante habitual de grandes nomes do fado, num “tributo à capacidade regenerativa e criadora do planeta, e reconhecimento das possibilidades de coexistência com a humanidade”.

Também em estreia, “Biblioteca Rebelde” é uma instalação cinética em que 14 livros deslizam para a frente no plano horizontal e depois recuam, fazendo-o com “uma cadência moderada, mas contínua, procurando o melhor efeito estético possível a partir deste movimento permanente”. Da seleção de títulos, publicados nos séculos XIX e XX, incluem-se livros sobre o Alentejo, selecionados a partir da biblioteca da família Eugénio de Almeida, com enfoque na cidade de Évora e em autores eborenses/alentejanos ou com ligação à cidade ou ao Alentejo.

“É uma obra inédita, criada para esta ocasião e local”, conta Eugénio Ampudia, explicando que esta biblioteca “é alimentada pela cultura da região, por volumes que refletem a história do Alentejo, que recolhem os episódios mais relevantes na formação da identidade das gentes que a habitam”. Desta forma, remata, “a peça torna-se uma mensagem que é ao mesmo tempo local e universal. Uma mensagem que não é neutra”.

## “ABRIGO DE COMBATENTES”

EUGÉNIO AMPUDIA, COM CURADORIA DE ANDRÉ DE QUIROGA  
FÓRUM EUGÉNIO DE ALMEIDA, ÉVORA, ATÉ MARÇO DE 2025